

OS QUATRO DISCURSOS DE LACAN E O DISCURSO DA CIÊNCIA: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Henrique Riedel Nunes
Miguel Fernandes Vieira Filho
Daniel Franco

Abordaremos aqui algumas das diversas relações entre a ciência e os Quatro Discursos propostos pelo psicanalista francês Jacques Lacan. Para tanto, fez-se necessária uma revisão bibliográfica de algumas obras metapsicológicas de Freud, de alguns dos seminários de Lacan, além de outras autoridades contemporâneas no assunto. Uma destas contribuições consistiu na elaboração dos matemas dos Quatro Discursos: do Mestre, da Histórica, do Analista e do Universitário. A formulação destes discursos foi implicada dos três ofícios impossíveis de serem realizados, os quais Freud (1937/1996) relatou como sendo os ofícios de *governar*, *psicanalisar* e *educar*. Além desses três, Lacan adiciona o ofício de *fazer desejar*. Os Quatro Discursos, por consistirem numa implicação dos ofícios impossíveis de serem realizados, são também impossíveis, isto é, os diversos discursos apenas se aproximam destes discursos ditos *radicais*. (JORGE, 2002).

Tendo isso em vista, podemos contemplar a problemática referente às concepções de ciência. Há, sem dúvida, concepções de ciência que podem ser definidas como *dogmáticas*, isto é, diz-se que nelas se concebe a busca da verdade dos objetos estudados de modo a esgotar seus entendimentos. Nessa perspectiva, dá-se a forclusão do sujeito, ou seja, a exclusão do sujeito como ator da produção da verdade. Há, porém, outras concepções de ciência que defendem um interminável movimento no sentido de aprimoramento de noções básicas e abstratas a fim de que ganhem complexidade e possam ser visualizadas com maior clareza. Ora, sabemos que o próprio Freud deixa claro ser adepto deste último gênero de concepção de ciência.

Ao atentar para a questão da transmissão da Psicanálise, preocupado com aspectos relativos a possíveis deturpações em suas elaborações, Lacan se utiliza, nos primeiros anos de seu ensino, do recurso dos grafos, da topologia matemática, e mais tarde, do recurso do matema. Ao longo de seu ensino, evidencia-se uma álgebra particular, denominada *álgebra lacaniana*, composta por letras como S_1 , S_2 , $\$$, a , A , $\$ (A)$, Φ . Estas letras remetem a conceitos elaborados ao longo da trajetória de Lacan e, todavia, não visam esgotar ou reduzir a escrita de tais conceitos. Dessa forma, podemos considerar o papel do matema na teoria psicanalítica como correspondente ao papel da fantasia na estrutura psíquica, isto é, a intermediação entre o simbólico e o real. (JORGE, 2002).

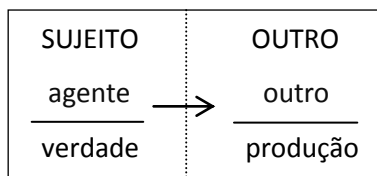
Salientamos que o matema tem por característica não permitir que dele se extraia qualquer coisa, como também não permite que dele se extraia tudo. Ressaltamos, também, que as fórmulas científicas são sempre representadas por meio de *letrinhas* e, desta forma, expressa que a ciência mantém relação com o real pela utilização de letrinhas – o que se dá a ver nas fórmulas científicas – concluindo que não é com palavras que escrevemos o real, aquilo desprovido de qualquer sentido, mas sim com *letrinhas*. (JORGE, 1997). Visa-se a transmissão do escrito e a independência da fala de quem transmite. (JORGE, 2002).

Trabalharemos com algumas dessas notações, mais especificamente, os elementos dos quatro discursos: S_1 , S_2 , $\$$ e a . De modo que, faz-se necessária uma breve explanação do que se pode compreender a partir de tais letras. Primeiramente, ao abordarmos o S_1 , deparamo-nos com o significante-mestre, o qual é representado pela sua qualidade de comando e, portanto, de unicidade. (QUINET, 2009). Além disso, podemos compreender o S_1 como aquele significante da primeira experiência de satisfação, a qual nunca pode ser retomada de forma plena. Tal impossibilidade é negligenciada, visto que há uma repetição do S_1 , o que configura o S_2 . Este último significante é representado pela busca infundável da primeira experiência de satisfação, busca esta constituinte da própria cadeia de

significantes, isto é, o saber inconsciente (QUINET, 2009). No que concerne ao $\$$, lidamos com o que é classicamente definido como o irrepresentável. Tal concepção diz respeito ao fato de que não há um significante que esgote a definição do sujeito. Desse modo, tal sujeito está apenas em relação à cadeia significante. É nesse sentido que Lacan nos expõe que o sujeito “ex-siste”, pois está fora dessa rede de saber. Por essa mesma razão, podemos destacar uma determinada insistência em colocar esse sujeito na cadeia significante, colocação essa que sempre falha. (QUINET, 2009). O último dos elementos dos quatro discursos a ser abordado é representado pela letra *a*. Tal notação tem diferentes nuances ao longo do ensino de Lacan. Neste ponto, no denominado campo do gozo, no qual foi proposta a teoria dos quatro discursos, o *a* é predominantemente denominado de *mais-de-gozar*. Ora, o *a* representa justamente o excesso do gozo que se perde pelo próprio funcionamento do aparelho psíquico, isto é, o excedente na busca da experiência de satisfação apontada pelo S_1 (QUINET, 2009).

Em relação ao que se pode entender por discurso na Psicanálise, sabemos que não há a possibilidade de uma realidade anterior à realidade discursiva no que concerne ao sujeito falante, o discurso é tomado como o responsável pela fundação e definição de cada realidade. Em outros termos, “o sujeito falante se inscreve em uma realidade discursiva preexistente, a partir dos significantes do campo do Outro”. (JORGE, 2002, p. 25).

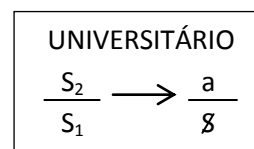
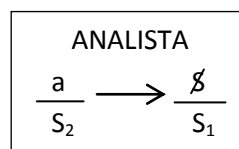
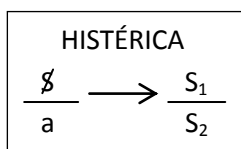
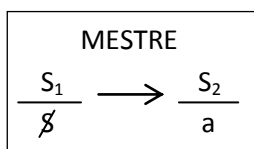
Além disso, também nos cabe ressaltar a característica dada por Lacan de *liame social* ao discurso. Todo *liame social* se sustenta nos discursos denominados *radicais*, os quais só se tornaram passíveis de destaque por advento do surgimento do discurso do Psicanalista. Vemos ao analisar os lugares fixos dos discursos que há uma referência da parte do sujeito em relação ao Outro, tesouro de significantes. (JORGE, 2002).



Tais lugares fazem menção ao fato de que “(...) todo e qualquer discurso apresenta uma *verdade* que o move, sua mola propulsora, sobre a qual está assentado um *agente*, o qual se dirige a um *outro*, produtor, a fim de obter deste uma *produção*” (JORGE, 1997, p. 158).

Lacan, em seu seminário 17 – *O Averso da Psicanálise* – atribui ao *agente* a incumbência de *dominante* do discurso. De modo que, no caso do discurso do Psicanalista, por exemplo, o agente é o objeto *a* (causa do desejo); no discurso da histérica, Lacan coloca como dominante o sintoma, representado pelo sujeito barrado $\$$. Tais denominações visam mostrar a correspondência entre o agente do discurso e aquilo que constitui sua tônica principal. (LACAN, 1992).

Desta maneira, por meio da disposição ordenada e mutável das letras S_1 , S_2 , $\$$ e *a* nos lugares fixos supracitados (*verdade*, *agente*, *outro* e *produção*), constituem-se os quatro discursos, expostos a seguir:



Tomemos como referência – ou ponto de partida – o discurso do Mestre, visto que é nesse discurso que está representada a postura própria ao usuário da linguagem. Consideremos também que “a linguagem é efeito do discurso do mestre e sua estrutura é a mesma desse discurso” (JORGE, 2002, p. 29). A partir deste, encontramos os demais três discursos ao realizarmos quartos-de-giro a partir do discurso do Mestre.

Ao observarmos o discurso do Mestre e o discurso do Analista, notamos que o primeiro é o avesso do segundo. Nesse sentido, Lacan (1992) emprega no seu seminário 17 o discurso do Mestre como sendo o avesso da Psicanálise. Compreendemos que para que o

sujeito entre na ordem simbólica, faz-se necessário um significante-mestre (S_1), o qual determina a castração e, por conseguinte, tem relação com algo da ordem do falo. Neste sentido, assinalamos o fato de que no discurso do Mestre se trata de um sujeito que sabe e não de um sujeito suposto saber, o qual é característico do discurso da Psicanálise. Assinalamos então o fato de que o discurso do Mestre provoca um assujeitamento do outro, de forma contrária ao que ocorre no discurso do Analista, o único em que o outro ocupa o lugar de sujeito. (JORGE, 2002). No que concerne à produção relativa ao discurso do Mestre, podemos observar que se produz o objeto *a*. É nesse sentido que o discurso do Mestre aborda o objeto perdido de uma maneira ontológica. Isto é, visa fundar a realidade do objeto. (JORGE, 1997).

Com o movimento de um quarto-de-giro partindo do discurso do Mestre, obtemos o discurso da Histórica. Como já observamos, neste discurso a dominante em questão, representada pelo $\$$, é o sintoma. É interessante notar que a histórica toma o outro como mestre (S_1) ao qual irá dirigir sua demanda de cura do sintoma. (JORGE, 2002).

Observando a produção do discurso da Histórica, obtemos o saber no lugar da produção e que se coloca no campo do Outro. Tal saber – S_2 – é resultante da interrogação por parte da histórica em relação ao mestre, assim como ocorreu na história da Psicanálise, na qual Freud foi impelido pelas históricas a produzir um saber. (OLIVIERI, 2002). Há, neste laço social, uma provocação de um desejo no outro e uma consequente produção de saber (QUINET, 2009). Detenhamo-nos agora à concepção de ciência exposta por Freud (1914/2004) no artigo *À guisa de introdução ao narcisismo*:

(...) a ciência se dará por satisfeita com idéias básicas, nebulosas e ainda difíceis de visualizar, sempre, porém, com a esperança de mais adiante, no decorrer de seu desenvolvimento, vir a apreender tais idéias com mais clareza, mostrando-se ainda disposta a eventualmente trocá-las por outras. (FREUD, 1914/2004, p. 100)

Tal concepção nos remete à fala de Lacan referente ao fato de que nada permanece de pé ao sujeito das ciências humanas. (LACAN, 1992). Além disso, sabemos que a interrogação histórica em direção ao mestre se dá de maneira semelhante ao questionamento do sujeito cartesiano ao saber constituído, o qual logo estará defasado. Deste modo, a constante na ciência seria o “Continue a saber!”. (OLIVIERI, 2002, p. 72)

Ora, observamos de forma evidente uma aproximação íntima entre o discurso da Histórica e o discurso propriamente científico. Vale ressaltar neste ponto que se trata de uma aproximação, isto é, Lacan afirmou o fato de que o discurso da Histórica tem apenas quase a mesma estrutura do discurso científico. (OLIVIERI, 2002). De modo que o discurso da ciência também pode assumir uma estrutura tanto análoga ao discurso universitário, quanto ao do mestre. (QUINET, 2009).

A partir do discurso do Analista, ao realizarmos o movimento de um quarto-degiro, obteremos o discurso do Universitário. Faz-se interessante compreender o campo do sujeito desse discurso, visto que, pelo fato de que este campo é representado por uma articulação significativa – S_2 – sustentada pelo falo – S_1 – esse sujeito aparenta ser sem furo. Observamos pelo matema do discurso do Universitário que o outro é tomado como objeto, isto é, há uma propensão em objetificar o outro a partir do saber. Além disso, o discurso Universitário, por ter como dominante o S_2 , exprime uma determinada tirania do saber científico. Neste laço social a verdade do sujeito (S_1) é descartada pelo mandamento de tudo saber, de modo que, o sujeito da ciência universitária passa a ser configurado como um sujeito da crença – crença num saber onisciente. (QUINET, 2009).

Neste ponto, podemos tomar como estatuto do discurso Universitário o fato de que se trata de um saber (S_2) que tem como pretensão objetificar (a) o outro de forma a produzir um sujeito ($\$$) dissociado de seus significantes primordiais (S_1). Dessa forma, ao

outro só resta o silêncio e, quando enunciar algo será da ordem da reprodução de enunciados dos quais se torna apenas um porta-voz. (JORGE, 1997). Contrapondo-se a isso, o questionamento ao Mestre característico da histórica produz o saber, e não a mera reprodução do saber já concebido pelo sujeito.

Tendo em vista as considerações levantadas no presente trabalho, fica evidenciada a aproximação do discurso propriamente científico ao discurso da Histórica. Entretanto, não se trata de uma coincidência integral, visto que, como já foi dito, os diversos discursos apenas se aproximam dos discursos denominados *radicais*, por estes últimos serem implicados de ofícios impossíveis de serem empreendidos.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v I. À guisa de introdução ao Narcisismo. (1914). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. Análise Terminável e Interminável (1937) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Discurso e liame social: apontamento sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; RINALDI, Doris (Orgs.). **Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 17-32.

_____, Marco Antonio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise** (1969 - 1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

OLIVIERI, Filippo. A aletosfera, lugar de objetos agalmáticos. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; RINALDI, Doris (Orgs.). **Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 71-76.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SOBRE OS AUTORES

Henrique Riedel Nunes. Bolsista voluntário de extensão e de pesquisa do Laboratório de Psicanálise da UFC. Graduando em Psicologia pela UFC. E-mail: henriqueriedel@gmail.com

Miguel Fernandes Vieira Filho. Graduado em Psicologia pela UFC. Possui formação básica em Psicanálise pelo Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Fortaleza. Membro do colegiado do Laboratório de Psicanálise da UFC, onde desenvolve ações técnicas e administrativas. Graduando em Licenciatura em Matemática pela UFC. E-mail: migmath@gmail.com

Daniel Franco. Psicanalista, membro do Corpo Freudiano - Seção Fortaleza. Professor dos cursos de Psicologia e Nutrição da Unifor. E-mail: dfrancoc@gmail.com